

Visão Empresarial do Manejo de Plantas Daninhas em Povoamentos Florestais

Fernando Palha Leite¹; **Rinaldo Costa Félix**¹

¹ Celulose Nipo-brasileira S.A. – CENIBRA. fernando.leite@cenibra.com.br; rinaldo.felix@cenibra.com.br

Como em qualquer outro tipo de empreendimento, o processo de produção comercial de madeira, para ser sustentável, deve apresentar viabilidade econômica, ambiental e social. No Brasil a área plantada com florestas (pinus e eucaliptus) até 2001 era de 4,8 milhões de hectares (SBS, 2001). Somente em 2005 foram plantados e reformados mais 553.000,0 hectares. Para a viabilização destes investimentos é necessário a manutenção e aumento da produtividade destas florestas.

A principal causa dos ganhos de produtividade das florestas plantadas de eucalipto no Brasil e em outros países como a África do Sul, pode ser atribuída ao manejo adequado dos fatores de produção, principalmente nutrientes e água. Uma das formas de melhorar a disponibilidade destes fatores, para as plantas de interesse comercial, tem sido por meio do manejo eficiente das plantas daninhas presentes nos povoamentos florestais. Além de competir pelos fatores de produção, a presença de plantas daninhas, em determinados níveis, compromete a eficiência e aumenta os custos de várias atividades (preparo de solo, controle de formigas, corte e baldeio da madeira), além de potencializar os danos causados pelos incêndios florestais.

Uma informação básica para o estabelecimento das estratégias de manejo é o conhecimento do impacto da concorrência por plantas daninhas na produtividade das florestas. Para povoamentos de eucalipto na região centro-leste de MG a redução de produtividade pode variar de 42 a 1 % (Quadro 01), dependendo do período de convivência das plantas daninhas com o povoamento florestal. Conhecendo este impacto, podemos definir quanto pode ser investido no manejo das plantas daninhas. Este valor poderá ser no máximo o valor correspondente ao preço da madeira que deixaria de ser produzida no período onde não houve um controle adequado dessas plantas.

Definido este limite, ações devem ser tomadas na busca de melhorias contínuas no manejo das plantas daninhas. Dentro dessas ações várias foram tomadas pelas empresas de base florestal, tais como: definição de períodos de convivência e controle; monitoramento dos níveis de infestação; definição de produtos e de doses mínimas; adequação de equipamentos de aplicação; treinamentos (de aplicadores e supervisores); realização de

“vistorias” periódicas da equipe técnica as frentes de aplicação; realização dos controles de qualidade da atividade; realização de auditorias independentes a todas as partes envolvidas na atividade (equipe técnica e operacional). Ou seja, ações estão sendo realizadas conjuntamente nas áreas de manejo, de tecnologia de aplicação, de qualidade e de capacitação de pessoal.

QUADRO 01 – Redução de crescimento do eucalipto aos 84 meses em função da competição com plantas daninhas.

Período sem controle (meses)	Locais*		
	Belo Oriente	Santa Bárbara	Guanhães
	m ³ /ha		
84	98,8	107,1	106,7
72	49,0	47,6	47,9
60	39,2	35,7	37,2
48	29,4	23,8	23,9
36	19,6	11,9	10,6
24	9,8	7,1	5,3
12	3,9	2,4	2,7

* Obs.: Produção de plantios de eucalipto esperada aos 84 meses de idade nas condições de manejo adequado das plantas daninhas: Belo Oriente (233,0 m³/ha), Santa Bárbara (276,0 m³/ha) e Guanhães (330 m³/ha).

As principais empresas do setor de base florestal optaram por trabalhar dentro de padrões de sistemas de certificação de qualidade (ISO 9000), ambiental (14000) e certificação florestal (FSC e CERFLOR). Desse modo as atividades relacionadas ao controle de plantas daninhas tiveram que se adaptar as “exigências” destes sistemas, este fato também contribuiu para ganhos consideráveis no manejo de plantas daninhas em povoamentos florestais nos aspectos técnicos, ambientais e sociais.

Palavras-chave: eucalipto, herbicida, tecnologia de aplicação, qualidade